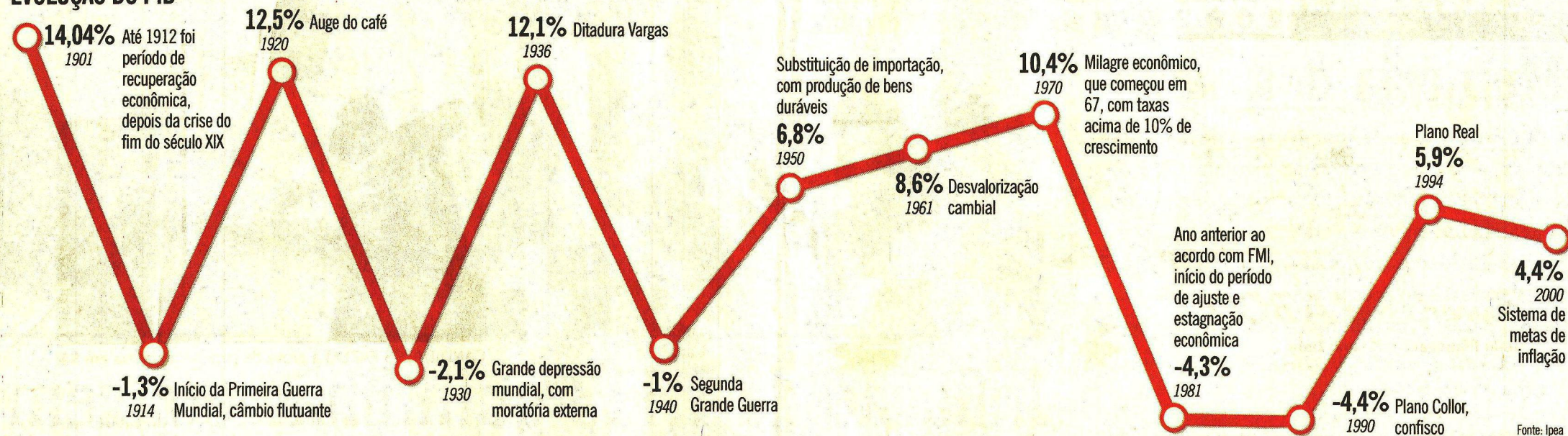


ECONOMIA

O BRASIL NO SÉCULO XX

EVOLUÇÃO DO PIB



Cem anos de concentração

Economia nacional cresceu cem vezes no século XX, mas riqueza não foi repartida

Cássia Almeida

• O Brasil experimentou um crescimento econômico no Século XX de fazer inveja a grandes nações. O Produto Interno Bruto (PIB), conjunto de todas as riquezas produzidas no país, aumentou cem vezes. O PIB *per capita* cresceu 12 vezes, feito comparável apenas aos obtidos por Japão, Finlândia, Noruega e Coreia. O bolo cresceu, mas não chegou à maioria da população brasileira. A concentração de renda avançou no século. Em 1960, a parcela mais abastada da população (os 10% mais ricos) detinha uma renda que era 34 vezes superior aos ganhos da parcela mais miserável da população (os 10% mais pobres). Essa diferença só fez subir ano a ano até atingir 60 vezes. O fim da inflação nos anos 90 reduziu um pouco esse abismo: a diferença no fim século era de 46 vezes. Este foi o quadro retratado pelas "Estatísticas do Século XX", publicação lançada ontem pelo IBGE, que reúne 16 mil tabelas e análises de vários estudiosos da nação brasileira:

— O país cresceu, industrializou-se e, ao mesmo tempo, vemos uma massa tão grande de subempregados. A população que não participou do desenvolvimento é imensa. É um problema social cada vez mais difícil de resolver e a solução não pode vir apenas contornando as dificuldades. É preciso ir ao fundo da questão, que é a criação de empregos — afirmou o economista Celso Furtado, o grande homenageado ontem, no lançamento do livro.

Segundo um dos maiores econo-

mistas brasileiros, o modelo capitalista é concentrador. Por isso, são necessárias políticas públicas para inibir o efeito colateral desse modelo. Para ele, se investiu nas elites, e o Brasil adotou um padrão de consumo incompatível com a realidade.

— O país que cresce economicamente e não se transforma, se deforma — resumiu o economista.

Desigualdade foi maior nos anos 90

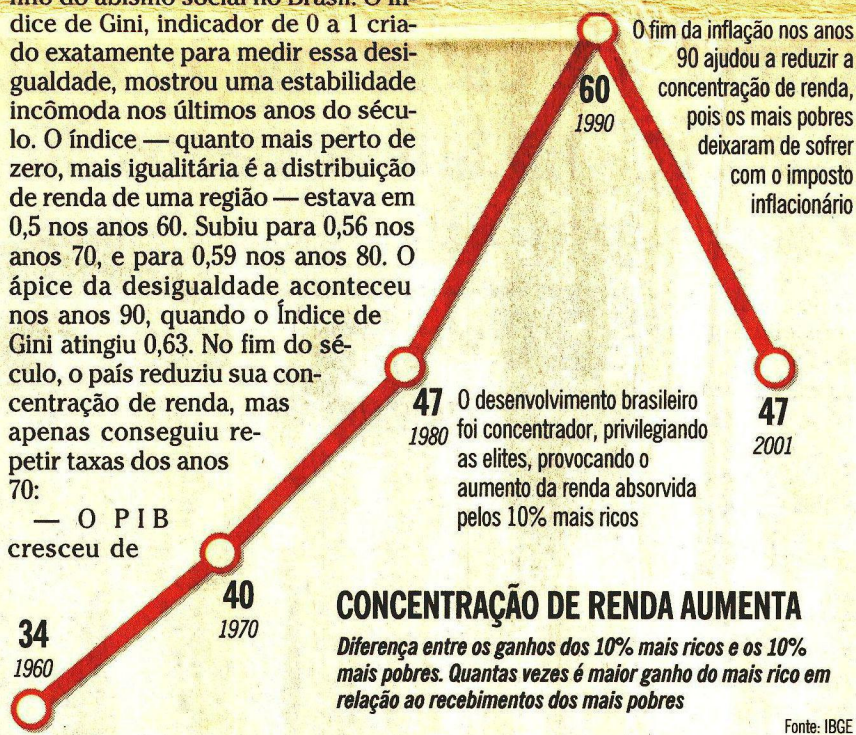
• Outros indicadores de distribuição de renda também mostram o tamanho do abismo social no Brasil. O Índice de Gini, indicador de 0 a 1 criado exatamente para medir essa desigualdade, mostrou uma estabilidade incômoda nos últimos anos do século. O índice — quanto mais perto de zero, mais igualitária é a distribuição de renda de uma região — estava em 0,5 nos anos 60. Subiu para 0,56 nos anos 70, e para 0,59 nos anos 80. O ápice da desigualdade aconteceu nos anos 90, quando o Índice de Gini atingiu 0,63. No fim do século, o país reduziu sua concentração de renda, mas apenas conseguiu repetir taxas dos anos 70:

— O PIB cresceu de

34 1960 **40** 1970

CONCENTRAÇÃO DE RENDA AUMENTA

Diferença entre os ganhos dos 10% mais ricos e os 10% mais pobres. Quantas vezes é maior ganho do mais rico em relação ao recebimento dos mais pobres



forma fantástica ao longo do século, passando de uma economia primária exportadora de café, para uma economia industrial, que substituiu importações. Mas o país rico não se tornou socialmente justo. O livro mostra que não conseguimos alcançar esse feito e há um elevado contingente da população na extrema pobreza. Convivemos com um padrão de distribuição muito desigual — analisou o economista Eduardo Pereira Nunes, presidente do IBGE.

Segundo o economista Gustavo Gonzaga, que escreveu o capítulo sobre rendimento e preços, o aumento da desigualdade de renda atingiu camadas diferentes ao longo da segun-

da metade do século. "Enquanto na década de 60, a desigualdade recaiu principalmente na classe média, nos anos 80, foram os indivíduos mais pobres que tiveram redução na sua parcela de renda total", analisa Gonzaga na publicação.

As perdas também foram sentidas nos rendimentos dos trabalhadores. Em 1981, a remuneração média real estava em R\$ 485. Esse valor baixou para R\$ 449 em 1999. Uma queda real de 7,42% em 18 anos. A queda é contínua desde 1997, mesmo com a inflação baixa.

A ambulante Valméria Evangelista dos Santos sentiu no bolso as perdas nos últimos anos. Tem o ensino médio incompleto, mas não consegue ganhar mais de R\$ 500 por mês vendendo incenso no Centro do Rio. Há 13 anos, trabalhava com carteira assinada numa farmácia. Depois de perder emprego, procurou por mais de seis meses até ir para as ruas do Centro:

— Até penso em procurar emprego, mas com minha idade, só vou conseguir ganhar um salário-mínimo. Isso se encontrar, porque vejo gente mais jovem que não consegue.

O ministro do Planejamento, Guido Mantega, afirmou ontem que distribuir renda é o grande desafio do Século XXI:

— Não se supera desigualdades com as forças de mercado, é preciso uma intervenção do Estado na economia, para buscarmos uma sociedade mais justa e próspera. ■

NO GLOBO ON LINE:

Confira mais Estatísticas do Século XX

www.oglobo.com.br/economia

Homenagem a Celso Furtado

• A publicação "Estatísticas do Século XX" trouxe uma homenagem especial a um dos maiores nomes da economia brasileira: Celso Furtado. Com depoimentos dos ministros do Planejamento, Guido Mantega, e da Integração Regional, Ciro Gomes, e de economistas como João Paulo dos Reis Velloso, Mailson da Nóbrega, Delfim Netto, Maria da Conceição Tavares e Aloísio Mercadante, um vídeo mostrou a trajetória do economista, que no início de sua vida pública não dispunha de estatísticas para avaliar a economia brasileira. Criador da Sudene e um lutador pela melhor distribuição de renda, assim ele foi homenageado.

— Havia uma época que não se falava em distribuição de renda. Não se conseguia um debate sobre isso. O Brasil não tinha interesse em calcular a miséria do país — conta.

O economista, que é cotado para o Prêmio Nobel, foi lembrado como o maior intelectual brasileiro dos últimos tempos e uma referência moral pela amiga Maria da Conceição:

— Se houvesse justiça nesses concursos, o Nobel de Economia seria dele.